

Peónias e flores “Não-me-esqueças”

Georgi Gospodinov

Já se conheciam há umas horas. Ele – com pouco mais de trinta anos, ela com pouco menos. Ele tinha de entregar um pacote por ela a um conhecido seu através do oceano. Ela só intermediava. Um trabalho que precisava de 5 minutos, mas já duas das três horas até ao voo não podiam encontrar nenhuma razão justificada para se separarem. Agora, exatamente sessenta minutos antes da partida, estavam no canto do café na sala de embarque, bebiam o terceiro café e ficavam em silêncio. Tinham esgotado todos os temas possíveis de conversa entre dois desconhecidos. E o silêncio já se estava a tornar descortês. A mesinha entre eles estava empilhada de copos plásticos em formas mais inesperadas, adquiridas por girá-los nas mãos durante muito tempo. Os agitadores de café foram quebrados já há muito tempo nos menores pedaços possíveis, os saquinhos vazios de açúcar feitos em forma de funis e mini barquinhas.

Ocorreu-lhe que essa mesa dava para um bom objeto *ready-made* ou, digamos, uma instalação que chamaria “Apologia da preocupação” (copos plásticos de café, agitadores, saquinhos vazios de açúcar, uma mesinha branca). Então pareceu-lhe estúpido e decidiu ficar calado. "O que fica calado se transforma em agitadores quebrados e copos esmagados", disse ela de repente. Ele pensou que nunca iria encontrar outra mulher que lesse os seus pensamentos e com a qual gostaria de ficar nesse café para o resto da vida. Ficou surpreso por ter usado, mesmo na mente, a frase "para o resto da vida".

- Vamos conversar – disse ela embora não se tivessem calado durante duas horas.

O tempo que restava era pouco para se perder em rodeios e barquinhas. Mas como ele não começava, ela só disse:

- Temos de aceitar que às vezes as pessoas literalmente se cruzam e se perdem.

- A ironia é que o percebem apenas ao se encontrarem – disse ele.

- Deve ter havido uma maneira de nos vermos antes. Vivemos tanto tempo na mesma cidade. É impossível que não nos tenhamos cruzado no semáforo.

- Eu teria reparado em ti – disse ele.

- Ama-la? – perguntou ela.

- Ama-lo? – perguntou ele.

Concordaram logo que isso não importava e ninguém tinha a culpa.

Mais tarde ele não conseguiria lembrar a quem primeiro lhe ocorreu essa ideia salvadora (como pensava naquele momento) de inventarem memórias compartilhadas, de imaginarem toda a sua vida antes de se conhecerem e depois. Tentativa tímida de se vingar do acaso que impiedosamente os tinha juntado por pouco tempo só para os afastar. Dispunham de 50 minutos.

- Lembras-te – começou ele, – de quando éramos alunos e morávamos na mesma rua. Todas as semanas punha-te às escondidas um anel de papel-alumínio dos doces “Lacta” na caixa de correio.

- Ah – disse ela, – então foste tu. O meu pai encontrava-os sempre primeiro e suspeitava que algum admirador doido do bairro enviasse anéis de noivado à minha mãe. Acontece que eram para mim.

- Eram para ti – disse ele.

- E tu lembras-te – começou ela, – de quando no último ano da universidade fomos só nós dois àquele mosteiro. Pela primeira vez fomos a outro lugar sozinhos. Não havia quartos livres no hotel e nos acomodaram numa das celas dos monges. Estava muito frio e a cama era dura. Fiquei com um pouco de medo. Depois de cada vez fazia o sinal da cruz sem tu veres. Fi-lo cinco vezes naquela noite.

- Seis – disse ele. Eu também tinha medo. Lembras-te de quando vieste morar comigo? A tua mãe disse que desistiria de ti através do “Diário Oficial” porque não queria ter netos ilegais.

- Lembro-me – disse ela. – De qualquer forma, eu não podia ter filhos.

Nesse lugar ela ficou em silêncio. Ele pegou na mão dela pela primeira vez desde que se conheciam. Muito suave e reconfortante.

- Deixa para lá – disse ele. – E lembras-te de quando parti a perna. Já tinha 48 anos, trabalhava como louco e esse mês em casa pareceu-me um verdadeiro paraíso. Tu também tiraste uma licença, ameaçaste-os até mesmo partir o braço se não te permitissem. Por um mês não pusemos o pé fora de casa.

- E quando no próximo ano me encontraram aquele tumor.... Tinhas lido em algum lugar que a risoterapia curava o cancro e durante duas semanas a fio contavas piadas para me fazeres rir. E ainda me pergunto onde as encontravas. Tinhas tanto medo e tanto carinho. Parece que foi então que os teus cabelos se tornaram grisalhos por completo. E todos os dias trazias-me peónias e flores “não-me-esqueças”.

- Graças a Deus, recuperaste. O que faria sem ti?

Nesse momento, todos os passageiros para Nova Iorque foram convidados a ir para o terminal de saída. Ficaram em silêncio por menos de um minuto. Então ela levantou-se e disse que tinha de ir. Ele pegou na mala dela e os dois saíram. Antes de passar pelo controlo de passaportes, ela virou-se e deu-lhe um beijo longo. Como se fosse a última vez, pensou ele, embora nunca tivesse havido lá primeira.

Meia hora depois, ele virou-se e foi-se embora. Sentiu-se muito envelhecido, movia os pés com pena. Fechou os olhos de propósito enquanto passava pela porta de espelho para não ver de repente no reflexo os seus cabelos grisalhos e ombros encurvados como de um homem velho. A cada passo percebia cada vez mais claro que não seria capaz de voltar para casa à sua inatingivelmente jovem esposa. E nunca lhe poderia dizer o que tinha feito durante aqueles cinquenta anos enquanto não estava lá.